



Nº 12 - MAIO 2020

REVISTA

RECONEXÃO PERIFÉRIAS

FERNANDO FRAZÃO/AGÊNCIA BRASIL



Trabalho por emancipação e soberania

UTOPIA E LIBERDADE

Limites entre a
militância política e o
empreendedorismo
social

ENTREVISTA MONIQUE EVELLE

“Não é romântico ou
bonito ser ativista de
barriga vazia”

AGENDA DE LUTAS MAIO 2020

Trabalho por emancipação e soberania

EVENTOS



Trata-se de verdade antiga e conhecida aquela que diz que o trabalho é a principal fonte de riqueza das sociedades humanas, contudo desde que uma forma panfletária e irracional de liberalismo começou a ganhar força a partir dos países desenvolvidos do Atlântico Norte, existe um esforço de jogar uma

As versões irracionais do liberalismo como o neoliberalismo e o ultraliberalismo procuram esconder a importância das atividades laborais para a construção da riqueza nacional.

cortina de fumaça sobre este fato irrefutável.

As versões irracionais do liberalismo como o neoliberalismo e o ultraliberalismo em suas variadas replicações locais, como sabujice do governo Bolsonaro, procuram esconder a importância que as atividades laborais possuem para a constru-

PROJETO RECONEXÃO PERIFÉRIAS ■ DIRETOR RESPONSÁVEL ARTUR HENRIQUE DA SILVA SANTOS ■ COORDENADOR DO PROJETO E ORGANIZADOR DA EDIÇÃO PAULO CÉSAR RAMOS ■ EQUIPE JAQUELINE LIMA SANTOS, JULIANA BORGES, LÉA MARQUES, MATHEUS TANCREDO TOLEDO, SOFIA TOLEDO, VICTORIA LUSTOSA BRAGA, VILMA BOKANY ■ COLABORADORES BEATRIZ BESEN DE OLIVEIRA, ISAÍAS DALLE, JACQUES MICK, JOÃO CARLOS NOGUEIRA, RENATA ECKART MACENA, SHEILA AZEVEDO PEREIRA ■ EDITOR ROGÉRIO CHAVES ■ REVISÃO CLAUDIA ANDREOTTI ■ PRODUÇÃO EDITORIAL CACO BISOL PRODUÇÃO GRÁFICA ■ DIRETORIA EXECUTIVA DA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO ALOIZIO MERCADANTE (PRESIDENTE), VÍVIAN FARIAS (VICE-PRESIDENTA), DIRETORES: ALBERTO CANTALICE, ARTUR HENRIQUE, CARLOS HENRIQUE ÁRABE, ELEN COUTINHO, JÉSSICA ITALOEMA, LINDBERGH FARIAS, MÁRCIO JARDIM, VALTER POMAR

ção da riqueza nacional. Por isso as primeiras ações que essa gestão federal tomou foi acabar com o Ministério do Trabalho, uma criação do governo Getúlio Vargas. O objetivo parece ser fazer o possível para acabar com o que restava dos direitos trabalhistas, de modo que o padrão das atividades laborais desenvolvidas no Brasil se aproxima, ainda mais, do que chama-se trabalho informal.

Trocando em miúdos, isso significa retirar toda e qualquer proteção para o elo mais fraco da corrente, que são aqueles trabalhadores com remuneração mais baixa, que precisam de subsídios estatais e ajuda em momentos de escassez de serviços. Algumas ações e medidas que cabem ao estado garantir nesta situação são o seguro-desemprego, o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), e mesmo os finais de semana remunerados com remuneração diferenciada das horas extras de trabalho. Além de tudo isso, com a ausência de legislação

Sem condições de fazer poupança ou planejar o seu dia seguinte, para muitos o trabalho pela manhã é a garantia da comida na mesa à tarde.

trabalhista de um lado e o aumento dos trabalhadores informais de outro, a maior parte das atividades desenvolvidas no território nacional passam a ganhar uma íntima relação com a ilegalidade.

Nos pontos extremos desta relação de exploração e desigualdade há o capital financeiro de um lado, que concentra riqueza e não trabalha, e milhares de trabalhadores e trabalhadoras que acumulam, apenas, 10, 12 ou 14 horas trabalhadas ao dia sem descanso remunerado, sem garantias mínimas, sem segurança no trabalho e muitas vezes sem finais de semana livres. Sem condições de fazer poupança ou planejar o seu dia seguinte, para muitos o trabalho pela manhã é a garantia

da comida na mesa à tarde. Sabemos bem que esses e essas trabalhadoras que são constantemente explorados, mal remunerados e silenciados, em sua maioria são pobres, negros e periféricos.

Em contextos de enfrentamento a uma pandemia inédita na história documentada, o governo brasileiro ao invés de proteger aqueles e aquelas que carregam a produção de riqueza no Brasil, escolhe financiar atividade dos bancos a morada da financeirização da economia.

A edição de maio procura dar espaço e voz a esses trabalhadores e trabalhadoras e as problemáticas enfrentadas cotidianamente por eles e elas. No mês em que comemora-se o Dia do Trabalhador há muito mais para lutar e reivindicar do que para comemorar, trazemos o trabalho como temática sempre com o intuito de produzir o debate que aponte formas coletivas de emancipação humana, de garantia de direitos e de promoção da soberania nacional. ■

Para reconstruir o país com base na igualdade

JOÃO CARLOS NOGUEIRA E JACQUES MICK

JEFFERSON PEIXOTO/SECOM/PMS



JOÃO CARLOS NOGUEIRA É COORDENADOR-EXECUTIVO DA REDE BRASIL AFROEMPREENDEDOR (REAFRO) OBSERVATÓRIO DA REDE BRASIL AFROEMPREENDEDOR (UFSC/REAFRO)

JACQUES MICK É PROFESSOR DO DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E CIÊNCIA POLÍTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC) E COORDENADOR DO LABORATÓRIO DE SOCIOLOGIA DO TRABALHO (LASTRO)

Desigualdades cruzadas de gênero, raça, classe e região exigem políticas capazes de, ao mesmo tempo, fortalecer a economia popular e combater discriminações, mostra pesquisa sobre informalidade e trabalho por conta própria no Brasil.

Quando os efeitos sociais e econômicos da pandemia de Coronavírus se consoli-

Quando os efeitos sociais e econômicos da pandemia de Coronavírus se consolidarem no Brasil, não há dúvida de que negros (e, em especial, mulheres negras) sofrerão mais, como sempre.

darem no Brasil, não há dúvida de que negros (e, em especial, mulheres negras) sofrerão mais, como sempre. O desemprego poderá dobrar e superar 20 milhões de pessoas; a renda proveniente do trabalho cairá (talvez em 20%); a precariedade das formas de contratação consagrará o objetivo da reforma trabalhista de esvaziar de proteções o trabalho formal - e, em todos esses casos, a população negra sentirá mais

que a branca. O legado perverso da escravidão explica passado, presente e futuro do país - destino que, para ser revertido, precisa inventar e combinar diferentes políticas destinadas a atacar a desigualdade em todas as suas faces. Se há esperança no meio da crise é de que a emergência de uma agenda desse tipo possa criar um horizonte de igualdade.

A persistência das desigualdades cruzadas de classe, gênero, raça e território é o tema do projeto de pesquisa “Informalidade e discriminação racial e de gênero no trabalho “por conta própria” no Brasil”, desenvolvido em parceria entre a Universidade Federal de Santa Catarina e a Rede Brasil Afroempreendedor (Reafro), com financiamento e participação da Fundação Perseu Abramo (no âmbito do projeto Reconexão Periferias). O projeto tem como objetivo estudar, em perspectiva interseccional, a morfologia socioeconômica dos 24,3 milhões de trabalhadores por conta

Os primeiros resultados, obtidos até abril, confirmam a tese da longa duração dos efeitos das desigualdades cravadas pela escravidão no território nacional.

própria no Brasil (nos dados de 2019 anteriores à pandemia). O desafio se justifica, em termos sociais, pela expansão do trabalho informal nos últimos anos (a maior parte dele identificado pelo IBGE como “por conta própria”); em termos mais conceituais, pela relevância de enfrentar o desafio teórico-metodológico da interseccionalidade para compreender a longa duração de discriminações combinadas de raça, gênero, classe e região no Brasil.

Nesta primeira etapa de pesquisa, o projeto pretende elaborar uma tipologia dos viradores da periferia levando em conta diferenças de gênero, classe, raça e território no

grupo denominado como “conta própria”; observar diferenças e semelhanças entre formais e informais no grupo dos “conta própria”, assim como entre estes e os empregados (com ou sem carteira); e identificar demandas por políticas de fortalecimento à economia popular. Para tanto, os pesquisadores revisaram a bibliografia recente sobre o tema, desenvolveram uma metodologia para análise interseccional dos dados disponíveis na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua do IBGE a respeito dos “conta própria” e realizarão entrevistas em profundidade com ativistas especializados em estimular “empreendedorismo” na periferia, nas 12 maiores conurbações do país.

O estudo será desenvolvido ao longo de 2020 e seu cronograma de execução será ajustado em função das interdições relacionadas ao combate à pandemia. Os primeiros resultados, obtidos até abril, confirmam a tese da longa duração dos



efeitos das desigualdades cravadas pela escravidão no território nacional. Os pesquisadores constataram que desigualdades de raça, gênero, regionais e de classe demarcam o perfil sociodemográfico dos conta própria: a renda, o grau de formalização e o nível de escolaridade são mais altos entre brancos (especialmente homens) da região Sul; quanto menor a renda e a escolaridade e quanto mais informal, maior a prevalência de negros (especialmente mulheres) da região Nordeste. Tais desigualdades incidem sobre a distribuição de renda no trabalho por conta própria: no

Em quase todos os casos, a renda se distribui de modo desigual, em favor dos grupos brancos.

Brasil e em cada uma de suas regiões, negros e em particular mulheres negras são mais presentes nas faixas de renda mais baixa, enquanto brancos, e sobretudo homens, prevalecem nas faixas mais altas. As diferenças regionais consagram variações nas desigualdades: com menos negros em sua

composição social, no Sul a renda dos conta própria está mais concentrada em homens brancos; no Norte e no Centro-Oeste, a discriminação de gênero é mais marcante que a de raça nas faixas de renda mais altas; o Nordeste, de maior população preta e parda, é a única região com significativa presença de negros e negras nas faixas de renda mais alta, mas ainda assim é nessas faixas que brancos têm representatividade nessa região (não nas de renda mais baixa). Por fim, as atividades e setores por conta própria são fortemente marcados por divisão sexual de trabalho: entre as ocupações mais frequentes, 11 são predominantemente masculinas, oito são femininas e nove são mistas; em quase todos os casos, a renda se distribui de modo desigual, em favor dos grupos brancos.

Essas constatações favorecem refinamentos conceituais e interpretativos sobre a economia popular e apontam desafios para a formulação de políticas públicas para o desenvolvimento igualitário do país. ■

Limites entre a militância política e o empreendedorismo social

BEATRIZ BESEN DE OLIVEIRA

BEATRIZ BESEN DE OLIVEIRA
É PSICÓLOGA SOCIAL E CLÍNICA,
PESQUISADORA EM MEMÓRIA
POLÍTICA E JUVENTUDE. MESTRE
EM PSICOLOGIA PELA USP E
DOUTORANDA NO PROMUSPP
(EACH/USP).

MARIA ANA KRACK/PMPA



Resumo: O artigo aponta a importância da militância política para a manutenção de um horizonte de utopia e liberdade, frente a um cenário de crescimento do empreendedorismo social, que pauta a transformação por meio da retórica do sucesso e do impacto social.

A situação que atravessamos por conta da pandemia da

O empreendedorismo juvenil é reforçado como resposta às demandas por sucesso pessoal e como solução ao problema do desemprego estrutural.

COVID-19, traz novamente a luz dicotomias e disputas sobre projetos de transformação social.

Enquanto alguns acreditam que finalmente a população se dará conta da importância do Estado e da saúde pública, outros anunciam um cenário de empobrecimento que abrirá ainda mais espaço para o extremismo conservador. Mas quem são os atores mobilizados para a transformação social no Brasil?

Declarando atuar nas lacunas do Estado e em

busca de transformação e impacto, está o empreendedor social, identidade em crescimento, inclusive nas periferias. Exemplos disso são encontrados durante a própria pandemia na forma dos negócios sociais que tomaram a frente produzindo informação de qualidade sobre e para a periferia, organizando a distribuição de alimentos, estimulando o pequeno comércio local: usando da tecnologia e inovação para atuar em relação aos problemas sociais.

Peter Drucker, economista referente para o empreendedorismo, declarava já em 1980 a necessidade de uma sociedade empreendedora, a qual se opunha frontalmente a ideia de uma sociedade revolucionária: “sabemos agora que “revolução” não é realização de um novo amanhecer. Ela resulta de decadência senil da falência de ideias e instituições, do fracasso da autorrenovação” (DRUCKER, 2005, p.348). Para o novo capitalismo de livre circulação de capitais,

O empreendedor social é concebido como indivíduo que, incorporado ao sistema capitalista, irá atuar em prol da transformação, mas projetando um futuro que coincida com aquele concebido no interior do próprio sistema.

pessoas e informações havia também a necessidade de um novo sujeito.

Dardot e Laval (2009) irão afirmar que o neoliberalismo, para além de doutrina econômica e ideologia, opera como nova racionalidade de mundo que estrutura e organiza tanto as ações dos governantes como a própria conduta dos governados. Por meio de práticas de governo de conduta agora são valorizadas a autonomia, a performance, a flexibilização e a responsabilização individuais. Assim, o empreendedorismo juvenil é reforçado como

resposta às demandas por sucesso pessoal e como solução ao problema do desemprego estrutural. O empreendedor social é concebido como indivíduo que, incorporado ao sistema capitalista, e em consonância com suas novas retóricas de responsabilidade social, irá atuar em prol da transformação usando de tecnologia e inovação, mas projetando um futuro que ainda coincida com aquele concebido no interior do próprio sistema (CASAQUI, 2015).

Também pautando a transformação social nas periferias, temos os militantes. O início dos estudos sobre militância coincide com os novos movimentos sociais no Brasil e no mundo e data, principalmente, da década de 1960. A identidade militante tem variações históricas, mas envolve valores associados à coletividade e a luta pautadas pelos movimentos sociais. Estes são analisados pela Psicologia Política

e caracterizados por elementos de ordem política - ações coletivas, estruturadas, marcadas pelo conflito, com estratégias comuns, que buscam mudanças sociais - e de ordem psicológica - conjunto de crenças coletivas, valores compartilhados e sentimento de injustiça (CORREA E ALMEIDA, 2012). Os movimentos sociais em suas ações coletivas comprometem e tensionam o Estado para a construção de políticas públicas, apontando também as subversões de uso do poder.

No caso da crise causada pela pandemia, muitos mecanismos de poder ficaram expostos, evidenciando a oposição entre projetos neoliberais e a preservação e garantia de dignidade da vida humana. Diferente do empreendedor que precisa garantir o sucesso do projeto por meio do impacto, a militância se alimenta de um horizonte que talvez nunca seja alcançado em sua completude. A utopia de um não lugar é também a evidência

A utopia de um não lugar é também a evidência da fragilidade e faltas estruturais humanas, que nos fazem buscar e nos desenvolver por meio do reconhecimento do outro.

da fragilidade e faltas estruturais humanas, que nos fazem buscar e nos desenvolver por meio do reconhecimento do outro. É necessário o resgate dos desejos revolucionários em detrimento aos movimentos de autorrenovação. Mesmo o empreendedor social deve estar ciente da importância da proteção e continuidade dos movimentos sociais e da militância política nas periferias. São eles que sustentam a utopia e a solidariedade como bases da permanente busca por liberdade.

A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável

de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem. (...) Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, as pessoas se libertam em comunhão (FREIRE, 1987, p. 29 e 34). ■

Referências:

CASAQUI, Vander. A construção do papel do empreendedor social: mundos possíveis, discurso e o espírito do capitalismo. *Galáxia*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. ISSN 1982-2553, [S.l.], n. 29, maio 2015.

CORREA, Felipe; ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de. Teorias dos movimentos sociais e psicologia política. *Rev. psicol. polít.*, São Paulo, v. 12, n. 25, p. 549-570, dez. 2012.

DARDOT, Pierre.; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DRUCKER, Peter Ferdinand. *Inovação e espírito empreendedor: prática e princípios*. Tradução de Carlos Malferrari. São Paulo: Pioneira Thonson Learning, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 27ª ed. RJ, Paz e Terra, 1987.

“Não é romântico ou bonito ser ativista de barriga vazia”

POR ISAÍAS DALLE

No palco, Monique Evelle dirige-se a uma plateia formada por pessoas que parecem se encaixar no perfil de jovens (e nem tão jovens assim) em busca do sonho dourado do sucesso e da vitória no mundo habitado por executivos, empreendedores e candidatos a tal.

Mas o que ela dirá em seguida não é bem o que esse público está acostumado a ouvir. A baiana de 26 anos, embora bastante conhecida após várias passagens pela grande mídia, vai surpreender. Ela não vai enaltecer a competição como vetor supremo do sucesso, não irá tampouco fazer odes ao eldorado do Vale do Silício e muito menos ao que, chamado de empreendedorismo, ela prefere classificar exploração mesmo, lá pelas bandas das empresas de aplicativos.

Nem por isso Monique vira as costas ao con-



temporâneo, com apego suicida a mundos que já não existem ou morrem melancolicamente. Uma de suas iniciativas, a Desabafo Social – que ela define como “laboratório de tecnologias sociais aplicadas à educação, comunicação e geração de renda” – pretende estimular a entrada de jovens periféricos, como ela mesma, num mercado tradicionalmente avesso,

e pela porta da frente. Sucesso sim, por que não?

Ou, como Monique provoca, tomando emprestado trecho dos Racionais, “dinheiro e preto são palavras rivais?”. Para ela, essa luta é por “novos direitos humanos”. Afinal, as palavras, que descobriu muito cedo, a solidariedade, a cultura e o trabalho que pode trazer autonomia econômica – não

necessariamente muita grana – são ferramentas que podem fazer a diferença entre ser ouvida ou ser silenciada.

Confira a entrevista:

Reconexão: A coronacrise tem impactos diferentes sobre as pessoas, impactos raciais, de gênero, de classe. Como os empreendedores sociais acompanhados e apoiados pela Desabafo Social têm enfrentado essa crise?

Monique: Está difícil pra muita gente, sobretudo, as maiorias silenciadas. O que nós, enquanto Desabafo Social, percebemos é que a ausência de práticas de educação financeira e planejamento em seus empreendimentos, já era uma realidade antes da pandemia do novo coronavírus. Por estarmos despreparados, sem ferramentas e auxílios, os problemas estão sendo maiores.

Então, além de realizar desafios sociais para remunerar ideias criativas através de micropagamentos, criar junto com

o Empreende Aí, Firgun e Impact Hub um fundo de microcrédito para apoiar empreendedores periféricos, vamos lançar em junho uma plataforma de educação com foco em empreendedorismo e transformação digital com uma linguagem que seja de fácil compreensão para a maioria e que seja útil e prática para este momento que estamos passando.

Você acredita que essa experiência por que passa a humanidade será capaz de impulsionar mudanças de mentalidade e comportamento, nas pessoas e instituições, fortes o bastante para mudar modelos de desenvolvimento econômico e social?

Tenho feito debates com algumas pessoas relacionados à possibilidades de novos modelos de desenvolvimento econômico e social, principalmente no que diz respeito ao futuro do trabalho e isso tem me deixado esperançosa. Mas tenho receio que o modo como as pessoas estão agindo agora, no que diz respeito ao exercício de solidariedade e empatia,

por exemplo, seja algo pontual e passageiro.

A sua atuação tende a construir pontes para o empoderamento econômico de grupos periféricos, o que inclui a inserção em nichos de mercado tradicionalmente fechados para essas pessoas. Isso exige diálogo. Como construir esse diálogo numa sociedade tão polarizada e tendente ao conservadorismo?

É bem complexo e muito exercício de respiração. Brincadeiras à partes, a minha intenção e o que quero ter como resultado para o coletivo, é tão importante na minha perspectiva, que chego ao ponto de saber filtrar o que quero ouvir e também a forma que vou reagir, para que o diálogo seja uma ferramenta útil. Tudo isso dentro dos meus limites mentais, claro.

Pode parecer um clichê romântico, mas acredito na possibilidade de tentar enxergar pontos em comuns, para a partir de

então iniciar o diálogo e ter resultados concretos.

Confesso que numa mesa de negociação, eu tento desenhar cenários e prever quais serão os pontos que vão fazer essa intersecção entre o outro e eu. Diverosos posicionamentos eu discordo e faço questão de pontuar. Mas como já desenhei cenários antes de chegar na mesa de negociação, tento caminhar para esse lugar possível e comum.

Há algum momento em que você decide desistir de diálogo que tentou construir? Quando?

É muito mais fácil a gente desistir daquilo que já está visível, como por exemplo, quando uma pessoa é racista de imediato ou então quando a pessoa tem um plano que consigo discordar imediatamente por vários motivos.

Agora, quando o outro lado começa a estender conversas e mais conversas, reuniões e mais reuniões, e quando vejo já passou mais de 2 ou 3 meses, não faz sentido continuar. A pessoa ou a

O que nós, enquanto Desabafo Social, percebemos é que a ausência de práticas de educação financeira e planejamento em seus empreendimentos, já era uma realidade antes da pandemia do novo coronavírus.

empresa não sabe o que quer ainda e esgota a energia de todos envolvidos. Então demora para compartilhar suas convicções e pensamentos, e quando vejo, é algo que bate diretamente com coisas que acredito.

Resumindo, existe um limite. Não é sobre discordar por discordar. É sobre discordar e não aceitar aquilo que fere minha humanidade e a dos meus pares também. Não continuo e não me sinto culpada por isso.

Construir agendas e parcerias com grandes instituições ou grupos empresariais costuma render polêmicas no seio dos movimentos sociais

ou grupos de atuação política. Alguns diriam que isso pode pôr em risco alguns princípios. O que você pensa disso?

Como falei na pergunta anterior, eu não aceito nada que fira minha humanidade e a dos meus pares. Cada pessoa tem sua estratégia de coletividade. A minha envolve também agendas e parcerias com grandes instituições, a ponto de conseguir contratar pessoas para que nossas agendas sociais e políticas continuem existindo, só que com pessoas de barriga cheia. Não acho romântico e bonito fazer ativismo e quando chegar uma pandemia como essa, sermos os primeiros a não ter o dinheiro no bolso para pagar uma conta de luz, água e aluguel. Não precisamos estar descobertos sempre.

E isso não fere meus princípios, isso faz parte dos meus princípios e daquilo que acredito. Pessoas possuem crenças diferentes. E uma das minhas é não deixar os meus preocupados com que fará amanhã pra ter o mínimo. ■

Ideia, dedicação, união e sororidade: Feira das Manas de Palmas

RENATA ECKART MACENA

RENATA ECKART MACENA É PROFESSORA, COORDENADORA DA FEIRA DAS MANAS PMW, COORDENADORA DE PROJETOS DO CRIAR CIDADES CRIATIVAS EM PALMAS/TO, SECRETÁRIA DE ECONOMIA CRIATIVA DO PSB DE PALMAS/TO



Como fazer as pessoas acreditarem em um projeto? Um projeto social muda vidas? Será que não existem projetos demais? Os projetos ou ideias surgem da necessidade de cada região, da determinação de uma pessoa ou de um grupo que consegue, de alguma forma, unir ideias baseadas no mesmo objetivo. O início do nosso

Uma feira composta só por mulheres, com coordenação, organização de mídias, de eventos, colaboração, tudo feito por nós. E com protagonismo absoluto das feirantes.

projeto foi assim, nasceu da necessidade aliada a ideias e objetivos.

Vamos falar da nossa realidade, Palmas, Tocantins, região Norte do Brasil. Aqui temos uma cultura muito rica, o cerrado, a natureza linda, feiras livres como tradição e muitos talentos femininos. Precisávamos então de algo para unir

essas mulheres que não se conheciam, não interagiam umas com as outras, mas tinham muito em comum.

Quase que naturalmente surgiu a ideia de fazer uma feira, porém com algumas diferenças de outras feiras. Seria grande e com um propósito bem definido: agregar, somar e fortalecer. Uma feira composta só por mulheres, com coordenação, organização de mídias, de eventos, colaboração, tudo feito por nós. E com protagonismo absoluto das feirantes. Convocamos então as mulheres empreendedoras da capital para conhecerem e se juntarem ao projeto. Vieram muitas... pintoras, cozinheiras, costureiras, crocheteiras, laceiras, artesãs de outros segmentos e outras. Mulheres incríveis que viram na feira algo diferente em sua proposta: a oportunidade de mostrarem seu trabalho, mudarem sua realidade e se organizarem como mulheres atuantes.

Convocamos então as mulheres empreendedoras da capital para conhecerem e se juntarem ao projeto. Vieram muitas...

Assim nasceu em janeiro de 2018 a Feira das Manas PMW. Nosso espaço desde então é muito alegre e democrático, atuamos quinzenalmente em parques e praças da capital, com autorização da prefeitura. Nossos dias de feira são uma festa à céu aberto, nossas bancas com mulheres fortalecidas e empoderadas, interagindo e vendendo os produtos que produzem, fortalecendo também a renda familiar e fazendo a economia do nosso território girar. Temos ainda ações dentro da feira como o engrandecimento da cultura através de apresentações de circo, músicas ao vivo, performances e danças em todas as edições. Sempre priorizamos apresentações femininas, valo-

rizando nossas artistas locais.

Quando os objetivos iniciais são alcançados existe a necessidade de fortalecimento do grupo. Isso se dá através do dia a dia, da interação, da socialização e do fortalecimento de pensarmos em união. Cada mana, assim que nos tratamos, toma para si a responsabilidade do grupo, seja comprando o produto da outra ou dando uma palavra de apoio em situações delicadas. A empatia e sororidade são cultivadas em nosso coletivo como plantinhas que precisam ser regadas diariamente.

Para que um projeto tenha sucesso, administre crises e cresça cada vez mais, precisa haver total dedicação. Ter sempre uma visão geral, sem privilegiar ou excluir também é fundamental. Que muitas feiras das manas, das migas, das amigas, se espalhem pelo Brasil e pelo mundo. que possamos estar sempre unidas nesse propósito, atuando sempre como agentes de transformação do nosso tempo e do nosso lugar. ■

UMA LUTA EM DEVENIR

Primeiro Encontro Mulheres de Axé

SHEILA AZEVEDO PEREIRA

SHEILA AZEVEDO PEREIRA É MESTRA EM EDUCAÇÃO, PESQUISADORA DO GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM POLÍTICA, PLANEJAMENTO EDUCACIONAL E HISTÓRIA ÉTNICO-RACIAL – GEPPHER, PROFESSORA PELA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SIDROLÂNDIA - MS, MILITANTE DO MOVIMENTO NEGRO DO GRUPO TRABALHO ESTUDOS ZUMBI-TEZ. SHEILAAZEVEDO@YAHOO.COM.BR

MARIA JOSÉ GOMES DUARTE



1. [HTTPS://BIT.LY/2IBOEQ](https://bit.ly/2iBoEQL)

2. [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=NOCFZWF_WB4](https://www.youtube.com/watch?v=NOCFZWF_WB4)

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo principal a discussão das pautas femininas do feminismo, empoderamento e empreendedorismo. Esses temas foram abordados no evento promovido pelo Fórum Estadual de Capoeira do MS em comemoração ao Dia Internacional da

Passado alguns séculos as mulheres continuam buscando condições de trabalho com igualdade, respeito e dignidade.

Mulher que ocorreu em março no espaço da Plataforma Cultural em Campo Grande – MS.

O dia 8 de março se tornou um marco histórico na luta por direitos de igualdade das mulheres no mundo inteiro. A ideia de ter uma data para discutir e fomentar esses direitos surge no final do século XIX, nos Estados Unidos e na Europa, onde aconteciam movimentos de mulheres

lutando por melhores condições de trabalho e direito ao voto.

Tais reivindicações buscavam condições melhores de trabalho nas fábricas onde desempenhavam suas funções. Esse fato que se passou no século XIX ainda é muito atual no século XXI, depois de passado alguns séculos as mulheres continuam buscando condições de trabalho com igualdade, respeito e dignidade, frente a uma sociedade que busca repetir padrões de comportamento tentando formatar um ideal de mulher inexistente. São frequentes as manifestações de homens dizendo que a mulher ideal é aquela que deveria estar sempre bem penteada, com as unhas feitas, cheirosa e pronta para agradar o marido.

Esse fato não seria relevante se todos esses adjetivos não fossem colocados de maneira machista, impositiva e tendenciosa. As mulheres do século XXI buscam a liberdade de poder ser o que ela quiser e quando ela quiser sem precisar justificar padrões de comportamentos

São frequentes as manifestações de homens dizendo que a mulher ideal é a que deveria estar bem penteada, as unhas feitas, cheirosa e pronta para agradar o marido.

que agradem a sociedade, as mulheres buscam ter seus direitos adquiridos na Constituição de 1988 reconhecidos, respeitados sem que seja retirado o seu direito de ir e vim.

Nesse sentido o Fórum Estadual de Capoeira do Mato Grosso do Sul buscou celebrar o Dia Internacional das Mulheres como uma atividade que pudesse contemplar vários segmentos da sociedade trazendo para o eixo central as rodas de conversas sobre: empoderamento feminino, beleza e saúde da mulher, feminismo negro e empreendedorismo feminino e a roda de capoeira feminina.

Para que essas rodas de conversas acontecessem

foi necessário buscar as várias parcerias com mulheres que se dispuseram a contar sobre suas experiências nas temáticas que foram propostas. Nesse sentido buscou-se por nome de mulheres que vem desempenhando ações de relevância, que pudessem contribuir nas rodas de conversas contando suas experiências e conquistas.

A Coordenadoria de Mulheres Capoeiristas do Fórum Estadual de Capoeira do MS fez diversos contatos buscando por nomes que tivessem representatividade nas camadas sociais e dialogassem com as temáticas do evento. Os nomes foram surgindo e a escolha foi feita a partir dos interesses do colegiado feminino do fórum.

Aos poucos os nomes foram sendo definidos, a escolha das temáticas a serem discutidas no evento surgiram da necessidade de trazer para a roda as pautas femininas e o que essas as mulheres vêm produzindo de melhor nas artes, na cultura e no empreendedorismo. Para que isso acontecesse pen-

1. FUNSAT - FUNDAÇÃO SOCIAL DO TRABALHO E SINE MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE –MS.

2. A ESTAÇÃO CENTRAL DE CAMPO GRANDE FOI INAUGURADA EM 6 DE SETEMBRO DE 1914 E FOI UMA DAS PRIMEIRAS ESTAÇÕES A SEREM FINALIZADAS NO ENTÃO ESTADO DE MATO GROSSO, A PRIMEIRA COMPOSIÇÃO QUE CHEGOU NA ESTAÇÃO DE CAMPO GRANDE FOI EM 20 DE MAIO DE 1914.

3. A PLATAFORMA CULTURAL FOI INAUGURADA EM 2016. ATÉ 1996 FICAVA LOCALIZADA A ANTIGA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA QUE ABRIGAVA OS VAGÕES DOS TRENS, QUE ERA O PRINCIPAL MEIO DE TRANSPORTE UTILIZADO PELOS MORADORES, VISITANTES E IMIGRANTES. ATUALMENTE ESSE LOCAL DISPÕE DE ATELIER PARA OFICINAS DE WORKSHOPS, UMA GALERIA CLIMATIZADA DESTINADA A EXPOSIÇÕES, PÁTIO ABERTO, AMPLO E COBERTO.

sou-se em fazer uma feira de empreendedorismo que acontecesse simultaneamente com as rodas de conversa.

Nesse contexto buscaram-se parcerias de vários setores da sociedade para que esses pudessem oferecer serviços e atendimentos às mulheres que visitassem o local.

Pensou-se em propiciar um ambiente em que esses serviços dividissem espaço com as muitas empreendedoras dos diversos setores que foram convidadas para participar do evento. Serviços de atendimento ao trabalho, entre eles, o cadastramento da carteira de trabalho digital e encaminhamento para o primeiro emprego, foram alguns dos serviços que a Fundação Social do Trabalho (Funsat)¹ ofereceu ao público.

Artistas se propuseram a participar do evento expondo sua arte por meio de pinturas, telas, roupas, artesanatos, sabonetes, artigos religiosos, bijuterias, roupas africanas, estande de maquiagem e espaço de *food truck*.

Nesse contexto buscaram-se parcerias de vários setores da sociedade para que esses pudessem oferecer serviços e atendimentos às mulheres que visitassem o local.

A Feira Afro, coordenada pelo Coletivo de Mulheres Negras, foi mais uma das parcerias importantes que estiveram presentes no evento que, também, contou com a participação de Raimunda Luzia de Brito, fundadora do Coletivo, além de todos os seus componentes.

Todos esses serviços foram oferecidos em um espaço cultural que anteriormente abrigou a estação ferroviária do município de Campo Grande.

A Estação de Ferro Noroeste do Brasil² funcionou de 1914 a 1996, quando seus trabalhos foram encerrados o local foi muito importante para o desenvolvimento e crescimento da cidade de Cam-

po Grande e do estado do Mato Grosso do Sul. Com o passar do tempo a estação ferroviária passou por um processo de restauração e se transformou na Plataforma Cultural³ espaço que abriga diversas atividades culturais.

Foi nesse cenário histórico que aconteceu o “Primeiro Encontro Mulheres de Axé” que tinha como intenção inicial proporcionar um momento de reflexão sobre as pautas femininas e um olhar para as mulheres negras do município de Campo Grande. Essa necessidade surgiu do contexto histórico da fundação do Fórum Estadual de Capoeira do MS sendo esse um coletivo que tem como pauta principal a capoeira que é um patrimônio imaterial da Afro-Cultura.

Nesse sentido a Coordenadoria das Mulheres Capoeiristas buscou parceria com os segmentos do Movimento Negro de Campo Grande. As mulheres representantes dessas entidades se fizeram presentes, o Grupo Trabalho Estudos Zumbi

MARIA JOSÉ GOMES DUARTE



(TEZ), Coletivo de Mulheres Negras Raimunda Luiza de Brito, Coletivo Enegrecer e os vários grupos de Capoeira que se fizeram presente na roda de conversa e na roda feminina que aconteceu ao final do evento.

A participação dessas representantes foi extremamente importante para que pudéssemos compreender qual é a realidade da mulher negra frente aos temas propostos nas rodas de conversa pelo evento. Reconhecer que essa mulher continua, ainda, na base da

Importante reconhecer que a mulher ainda continua na base da pirâmide e entender que as oportunidades para ela ainda são menores que as das mulheres brancas.

pirâmide e entender que as oportunidades para ela ainda são menores que as das mulheres brancas.

Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada⁴ (IPEA, 2013) as

conquistas alcançadas nas questões de gênero e raça no que se referem as mulheres negras são importantes indicadores de que as políticas públicas estão avançando, entretanto os desafios ainda são muitos a serem enfrentados.

Os indicadores sociais disponibilizados todos os anos em nível nacional, e consolidados na publicação retrato das desigualdades de gênero e raça, editada pelo Ipea em parceria com a Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM/PR), a Secretaria de Políticas de

Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (SEPPIR/PR) e a ONU Mulheres, permitem dimensionar as grandes distâncias que ainda separam homens e mulheres e negros e brancos. (IPEA, 2013, p.7)

Essas desigualdades foram reconhecidas pelas participantes da roda de conversa “Empoderamento Feminino Beleza e Saúde da Mulher” no que se refere ao padrão de beleza e estética imposto pela sociedade. Uma das palestrantes que é *hair style*, cabeleleira de cabelos crespos e cacheados, afirmou que a indústria de cosméticos vem crescendo em larga escala e produzindo vários produtos para que as mulheres negras se sintam contempladas e satisfeitas em assumir seus cachos.

No entanto, é possível verificar que em vários campos de trabalho o cabelo crespo e cacheado ainda é um indicador discriminatório para que essa mulher não seja contratada. Essa relação com o cabelo inicia-se na infância, quando a crian-

Estatísticas vêm confirmar que a baixa escolaridade dessas mulheres faz com que as oportunidades sejam menores e a oferta de trabalho com baixos rendimentos.

ça escuta comentários e piadas sobre seu cabelo, e é nesse momento que ela percebe as dificuldades que enfrentará por não ter um cabelo liso.

Esses padrões pré-estabelecidos pela sociedade são as inúmeras dificuldades que a mulher negra enfrenta para se inserir no mercado de trabalho. Nesse sentido, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2013) apresenta dados do “Dossiê Mulheres Negras” que “O período aqui analisado envolve, pelo menos, dois momentos distintos. Um primeiro ciclo, entre 1999 e 2002, com menor crescimento econômico, e um segundo, de 2003 a 2009, em que há mudanças importantes na estrutura do mercado de tra-

balho, dado o seu maior dinamismo (crescimento econômico, formalização de emprego e crescimento real do salário-mínimo)”. (IPEA, 2013, p.55)

Durante o período analisado pelo instituto ocorreu um avanço da inserção das mulheres negras no mercado de trabalho, entretanto essas mudanças não foram suficientes.

a trajetória socioeconômica das mulheres negras tem sido analisada como fruto do intercruzamento das mudanças ocorridas na participação das mulheres no mundo do trabalho e da estabilidade das desigualdades raciais que só recentemente começou a declinar. (IPEA, 2013, p.56)

Nesse sentido, essas estatísticas vêm confirmar que a baixa escolaridade dessas mulheres faz com que as oportunidades sejam menores e a oferta de trabalho com baixos rendimentos. O IPEA confirma que

As mulheres que começam a se movimentar para ocupações de nível superior são

predominantemente brancas, enquanto há uma forte concentração de mulheres pretas e pardas no serviço doméstico. (IPEA, 2013, p.57).

A inserção da mulher no mercado de trabalho e as dificuldades em buscar melhores condições financeiras abrange a segunda roda de conversa sobre “Feminismo Negro e Empreendedorismo Feminino”. As palestrantes buscaram dialogar com todas essas estatísticas e trouxeram possibilidades reais de virar o jogo e mudar esses números. Entre os assuntos dialogados por elas ficou nítido que a busca por concluir os estudos faz grande diferença para que ocorra mudanças na vida de todas as mulheres, inclusive da mulher negra.

Entre as explicações dadas pelas palestrantes, elas contaram suas experiências de vida, das dificuldades que encontraram para abrir seu próprio negócio e a satisfação e o empoderamento que essa realização trouxe para a vida de cada uma.

Foi a partir da criação de camisetas com frases de exaltação às mulheres que uma das palestrantes criou sua própria confecção e criou sua marca.

Nessa roda de conversa tinha uma cozinheira que tem um *food truck* que produz e comercializa acarajé, uma professora de arte que após ser vítima de agressões domésticas se viu sozinha com um filho pequeno para criar e descobriu uma nova vida no Movimento Negro, e nas pinturas em tela onde pode externar toda sua dor e vontade de viver. O empoderamento feminino não tem um único espaço para se manifestar, foi a partir da criação de camisetas com frases de exaltação às mulheres que uma das palestrantes criou sua própria confecção e criou sua marca.

As mulheres presentes viram-se representadas nessas histórias de lutas diárias de outras mulheres que buscam a superação

dia a dia, enfrentando o machismo, o preconceito de gênero e raça e a falta de políticas públicas que possam melhor atendê-las. Todas essas diferenças e dificuldades repercutem estatisticamente, de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2013) o aumento da participação feminina nas ocupações acarretam desvantagens sociais para essas mulheres.

O aumento da participação feminina, independentemente da cor, nas ocupações que não oferecem proteção social, flagra as desvantagens de gênero no acesso e permanência no mercado de trabalho. Ou seja, em contextos de relativo desenvolvimento econômico e maiores oportunidades no mercado, o segmento masculino tende a estabilizar-se primeiro nas ocupações mais protegidas, enquanto as mulheres são alocadas naquelas com maior precariedade social. (IPEA, 2013, p.51)

As estatísticas apresentaram dados de 2013, e pode se verificar que após sete anos dessa pesquisa

alguns avanços ocorreram principalmente no que se refere aos estudos e formação dessas mulheres. Mesmo com a estabilidade financeira que o país vem passando ao longo desses anos é possível perceber que políticas públicas, como de Cotas Raciais, ajudaram bastante para que jovens negras e negros pudessem ingressar nas universidades públicas e dessa forma concluir o curso superior, ampliando suas chances na concorrência por vagas em concursos públicos que trazem esses requisitos.

As estatísticas comprovam que tais ações ajudaram a reverter esses índices. Por esse viés muitas dessas mulheres negras, ainda, passaram por dificuldades para alcançar seus objetivos. Entre elas a falta de acesso à moradia decente, algo que, ainda, para a população negra é uma dificuldade.

Todas essas questões foram retratadas nessa roda de conversa, principalmente, quando foi aberto ao público para que pudesse fazer pergun-

Muitas dessas mulheres negras passaram por dificuldades para alcançar seus objetivos, entre elas acesso à moradia decente.

tas sobre os temas abordados, e a cada pergunta era possível perceber que só mudavam os personagens, as dificuldades e vivências eram as mesmas entre as mulheres presentes. Umhas com mais intensidade outras com menos, no entanto a fragilidade vivenciada por elas era a mesma.

Na última roda de conversa foi abordada a temática “Roda de Capoeira Feminina” com esse tema o evento chegou ao seu ponto alto que seria falar do assunto que levou a construção do Fórum Estadual de Capoeira do MS, a capoeira. O Fórum⁵ foi fundado no dia 24 de agosto de 2015, sua organização é composta por coordenadorias, entre elas a Coordenadoria das Mulheres Capoeiristas.

Trazer para a roda a “mulher capoeirista” é falar que esse espaço nem sempre pertenceu às mulheres, e que a entrada delas ainda causa preconceito e desconforto, o que causa a desistência de algumas mulheres em praticar a capoeira. Essa roda de conversa foi composta por mulheres professoras de capoeira que contaram sua história de inserção na capoeira, e toda sua trajetória de experiências e aprendizagens.

Ao ouvir os relatos das professoras foi possível verificar que se faz necessário outro encontro para que sejam abordados assuntos como: o assédio que as mulheres sofrem, a discriminação e o preconceito na capoeira.

No final dessa roda de conversa foi proposto uma “Roda Feminina de Capoeira”, entretanto com a presença de muitos homens capoeiristas a roda foi ampliada e todos participaram do jogo.

Durante o jogo houve a inserção de crianças, jovens, adolescentes, homens e mulheres, a



integração entre todos foi importante, porém a proposta era fazer uma roda somente de mulheres e isso não se cumpriu. Logo no início do jogo foi anunciado que os homens participariam também. Com essa observação compreende-se que mesmo com a entrada da mulher na roda de capoeira foi preciso estabelecer concessões aos homens capoeiristas para que o jogo aconteça.

No estado do Mato Grosso do Sul só existe uma mestra em capoeira, negra, mãe e esposa. Esses

Trazer para a roda a “mulher capoeirista” é falar que esse espaço nem sempre pertenceu às mulheres, e que a entrada delas ainda causa preconceito e desconforto.

indicadores mostram o quanto a capoeira feminina precisa avançar e reverter esses dados.

O Fórum Estadual de Capoeira do MS está na sua segunda gestão nesse

sentindo a Coordenadoria das Mulheres Capoeiristas busca fomentar discussões no entorno das pautas femininas o “Primeiro Encontro de Mulheres de Axé” cumpriu seu papel em realizar um evento com essas temáticas tão relevantes para o universo feminino em um espaço majoritariamente masculino. Esse espaço masculino composto por mulheres que buscam conquistar direitos de igualdade, como prevê a Constituição de 1988 no o artigo 5º, que diz “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de

qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...]”. (BRASIL, 1998).

Portanto, a abordagem de temas como Feminismo, Empoderamento, Feminismo Negro não é fácil e sim necessário, principalmente, por entender que muitas mulheres desconhecem o sentido dessas palavras tão importantes para as elas, e para desconstruir uma cultura machista arcaica que ainda prevalece sendo reproduzida até os dias atuais.

Compreendendo que o Fórum Estadual de Capoeira do MS é um coletivo que não foi pensado e fundado só por homens e, sim por homens e mulheres, que buscam na coletividade disseminar a Afro-Cultura que a capoeira representa, essa coletividade vem buscando por meio da capoeira ensinar que a Afro-Cultura, herança de nossa ancestralidade, deve ser respeitada e valorizada

O Fórum buscou promover com esse encontro a possibilidade de realizar discussões de assuntos que atingisse uma grande parcela das mulheres negras e não negras.

assim como prevê a Lei 10.639\2003.

Nesse sentido, o Fórum buscou promover com esse encontro a possibilidade de realizar discussões de assuntos que atingisse uma grande parcela das mulheres negras e não negras. As rodas de conversas tiveram o papel fundamental para que esse coletivo fomentasse processos de mudanças, reflexão e quebra de paradigma.

Portanto, a Coordenação das Mulheres Capoeiristas juntamente com o Fórum Estadual de Capoeira do MS pretendem trazer para além da roda de capoeira a ginga, o molejo, o axé, a feminilidade da mulher com-

preendendo que a presença dela na roda é valorizar e respeitar que esse sujeito histórico vem buscando por meio das suas reivindicações conquistar espaço de igualdade e respeito em todos os segmentos da sociedade.

O Primeiro Encontro Mulheres de Axé buscou agregar mulheres capoeiristas e mulheres dos diferentes segmentos das artes, do Movimento Negro, da cultura e do empreendedorismo do município de Campo Grande, para que juntas pudessem fazer uma reflexão sobre possíveis caminhos a seguir, a partir desse encontro, para ecoar e propagar beleza, arte, cultura, charme, capoeira e muito axé! ■

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição de 1988 Brasília: Editora Brasília, 1988.

BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Dossiê Mulheres Negras (org.) MARCONDES, Mariana Mazzini Marcondes, PINHEIRO. Luana, QUEIROZ. Cristina, QUERINO. Ana Carolina, VALVERDE. Danielle.

AGENDA DE MAIO DE 2020

Tendo em vista a necessidade de permanecer em casa devido à pandemia mundial da Covid-19, a nossa agenda desse mês será destinada à divulgação de programações online:

■ Live “As periferias e o enfrentamento ao coronavírus” do Projeto Reconexão Periferias
Todas às terças-feiras às 17h (horário de Brasília)

■ tvPT - Programas sobre coronacrise, economia, política e muito mais.
De segunda-feira à sexta-feira às 11h e às 19h (horário de Brasília)

■ Boletim JPT na Quarentena no Instagram @jptnacional
De segunda-feira à sexta-feira às 18h (horário de Brasília)

■ Rádio Comunitária “A Voz das Comunidades” 87,9 FM na página do Facebook e aplicativo <https://www.facebook.com/radiocomunitariaavozdascomunidades87.9fm/>
Programações diárias das 6h às 20h (horário de Manaus)

■ Programa Camisa de Força - Temas do cotidiano pontuando sempre o Hip Hop e a diversidade cultural
Informações da programação na página <https://www.facebook.com/Gangsterar-terap/>

■ Slam Viral - no Instagram @slam.viral
Semifinal e final nacional nos dias 02/05/2019 e 03/05/2019

■ Live Debate na Pandemia no Instagram @mnu.rio - MNU Rio de Janeiro
Diariamente às 18h (horário de Brasília)

■ Catálogo do Spcine play está disponível online com filmes e documentários das principais mostras e festivais de cinema de São Paulo.
Acesse: <https://www.spcineplay.com.br/>

OPORTUNIDADES

Edital	Foco	Prazo	Links
Prêmios Décio Noviello de Artes Visuais 2020 e de Fotografia 2020	Para as artes visuais, serão selecionados dois projetos que dialoguem com as múltiplas linguagens de artes visuais, tais como: cerâmica, pintura, desenho, gravura, instalação, escultura e audiovisual, dentre outras. Para a fotografia, serão aceitas propostas exclusivamente fotográficas ou que dialoguem com as múltiplas linguagens da fotografia.	Até 07 de maio/2020	http://fcs.mg.gov.br/eventos/inscricoes-abertas-premio-decio-noviello/?fbclid=IwAR2mv3yWzxx0qP-HWao16DkN21WosSpYIZO-IZHBBx5YmeaG7_M93PRLs9U
Programa Banco do Brasil de Patrocínios 2021/2022	O programa tem como objetivo selecionar projetos a serem patrocinados pelo Banco do Brasil, para compor a programação das unidades do Centro Cultural Banco do Brasil em Belo Horizonte (MG), Brasília (DF), Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP), nos anos de 2021 e 2022. Serão aceitos projetos nas seguintes áreas: artes cênicas, cinema, exposições, ideias, música, programa educativo.	Até 05 de junho/2020	https://www.bb.com.br/pbb/pagina-inicial/sobre-nos/patrocínios#/

<p>Programa de Apoio à Tradução e à Publicação de Autores Brasileiros no Exterior</p>	<p>Objetiva difundir a cultura e a literatura brasileiras no exterior, com a concessão de apoio financeiro à tradução e à publicação de obras de autores brasileiros no exterior.</p>	<p>Até 12 de agosto/2020</p>	<p>https://www.bn.gov.br/edital/2018/programa-apoio-traducao-publicacao-autores-brasileiros</p>
<p>LACNIC FRIDA</p>	<p>Propostas de fortalecimento da internet na região da América Latina e Caribe. O apoio é de até 40 mil dólares, ou cerca de 208 mil reais. São três eixos temáticos do programa: Estabilidade e Segurança da Internet; A Internet Livre e Aberta; e Acesso à Internet. As propostas devem ter duração máxima de 12 meses, e também há a possibilidade de se candidatar para receber prêmios por ação já realizada.</p>	<p>Até 22 de maio/2020</p>	<p>https://programafrida.net/pt-br/oportunidades-de-financiamento-do-frida</p>

OPORTUNIDADES

<p>Fundo Baobá para Equidade Racial</p>	<p>O edital selecionará propostas de ações de prevenção ao coronavírus realizadas junto às comunidades periféricas e outros territórios de vulnerabilidade, às populações em situação de rua, populações privadas de liberdade, jovens que cumprem medidas socioeducativas e idosos, residentes em áreas remotas de todas as regiões do país, como comunidades quilombolas, ribeirinhas, indígenas, ciganos, migrantes, refugiados e outras comunidades tradicionais, nas florestas e ilhas onde haja casos notificados, em fase de análise, ou casos confirmados de contaminação pelo coronavírus.</p>	<p>Tempo indeterminado</p>	<p>https://baoba.org.br/edital-para-apoiar-pessoas-e-comunidades-no-combate-ao-coronavirus-ja-esta-aberto/</p>
<p>Para Quem Doar</p>	<p>A Rede Globo está cadastrando iniciativas de combate aos efeitos da COVID 19 que estejam recebendo doações, para divulgá-las em uma página especialmente criada para que as pessoas possam conhecê-las.</p>	<p>Tempo indeterminado</p>	<p>https://redeglobo.globo.com/Responsabilidade-Social/pra-quem-doar/noticia/envie-sua-iniciativa-para-o-para-quem-doar.ghtml</p>

<p>Matchfunding Enfrente o Corona</p>	<p>Podem participar coletivos, pessoas físicas, pessoas jurídicas de direito privado (com ou sem fins lucrativos) que tenham sido idealizadas e/ou sejam lideradas por pessoas que tenham nascido e/ou vivido em periferias urbanas brasileiras e/ou em outras áreas urbanas em contexto periférico. As áreas temáticas para as iniciativas se inscreverem são: Campanhas de conscientização sobre coronavírus; Cuidados com a saúde física e emocional; Distribuição de donativos e recursos; Sustentabilidade de micro e pequenos empreendimentos.</p>	<p>Contínuo</p>	<p>https://benfeitoria.com/canal/enfrente</p>
<p>Tinker Foundation</p>	<p>Edital para apoiar projetos em três áreas programáticas prioritárias: governança democrática, educação e manejo sustentável dos recursos..</p>	<p>Até 31/07/2020</p>	<p>https://capta.org.br/oportunidades/tinker-foundation/</p>

OPORTUNIDADES

Fundos de Ação Urgente	A ação deve ser implementada por organizações da sociedade civil da diversidade de mulheres (incluindo mulheres trans) ou por organizações mistas lideradas por mulheres..	Contínuo	https://capta.org.br/oportunidades/fondo-de-accion-urgente/
Edital Fundos da Infância e Adolescência	Foi criado pelo Itaú Social para selecionar e apoiar ações, serviços, programas ou projetos priorizados pelos Conselhos dos Direitos da Criança e do Adolescente..	Até 19/06/2020 18:00	https://prosas.com.br/editais/6958-edital-fundos-da-infancia-e-da-adolescencia-2020?locale=es